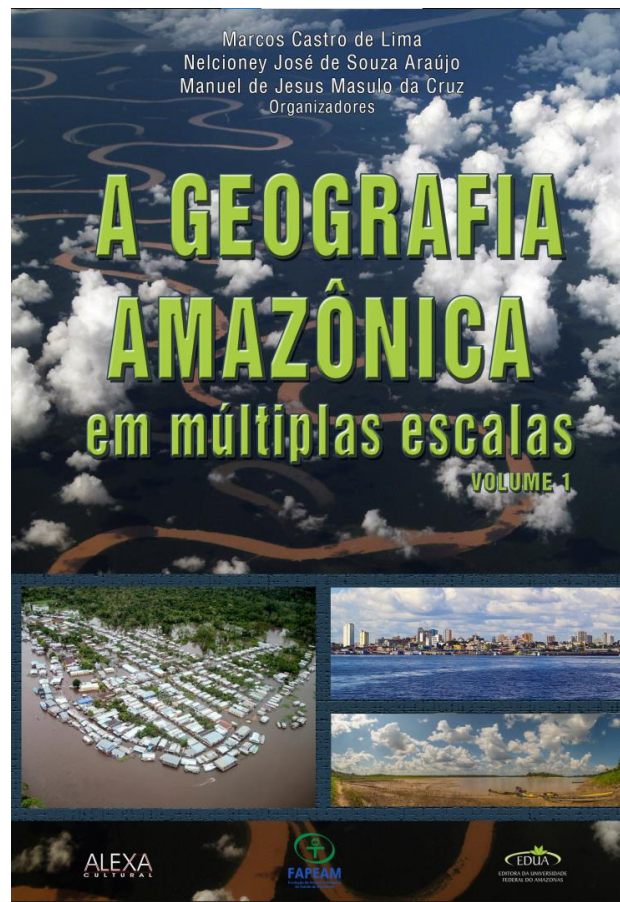


**RESENHA**

**A GEOGRAFIA AMAZÔNICA EM MÚLTIPLAS ESCALAS - VOLUME 1 (2021)**

Euler Cavalcante Eleotério<sup>1</sup> <https://orcid.org/0009-0000-6806-3655>

Fernando Monteiro Melo<sup>2</sup> <https://orcid.org/0000-0001-5138-4970>



A produção do espaço na Amazônia cria a possibilidade de novos modos de vida resultantes do embate entre as várias formas de relações sociais imbricadas no novo e no velho que se opõem, se contradizem e se completam, dando origem a outras formas de viver. Nesta perspectiva, o espaço é o produto do trabalho humano concebido a partir da relação que o homem enquanto ser social mantém com a natureza.

José Aldemir de Oliveira (1953-2019), em “Cidades na Selva” de 2000.

<sup>1</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas e Bolsista FAPEAM de Iniciação Científica. E-mail: [eulereleoterio2@gmail.com](mailto:eulereleoterio2@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas. É Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades da Amazônia (NEPECAB/UFAM) e do Grupo de Pesquisa Geografia Regional e Produção do Espaço (GERPE/UNIFESSPA). E-mail: [fernando.monteirogo@gmail.com](mailto:fernando.monteirogo@gmail.com)

O livro resenhado é uma coletânea de resultados de pesquisas de mestrado orientadas no Programa de Pós-Graduação em Geografia ao longo de seus 14 anos de existência. Este trabalho é o resultado direto da colaboração entre estudantes e professores comprometidos com a produção científica e geográfica, com foco na Amazônia e seus múltiplos aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e naturais. Representa um esforço de integração do pensamento geográfico em diversas temáticas e abordagens teóricas e metodológicas.

Este volume é composto por dez capítulos e foi organizado pelos professores Marcos Castro de Lima, Nelcione José de Souza Araújo e Manuel de Jesus Masulo da Cruz. Ele é o primeiro de uma série de cinco livros lançados pelo PPGEQG, em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e por meio do Programa de Apoio à Pós-Graduação Stricto Sensu (POSGRAD). Os outros volumes incluem: "A Geografia Amazônica em Múltiplas Escalas - Volume 2", organizado pelos professores Rogério Ribeiro Marinho, Geraldo Alves de Souza e João Cândido André da Silva Neto; "Aprendizagens Geográficas na Diversidade Amazônica", organizado pelas professoras Ivani Ferreira de Faria, Jesuete Pacheco Brandão e Paola Verri de Santana; "Espaços de Diálogos em Geografia: Para Compreender Lugares e Paisagens", organizado pelas professoras Amélia Regina Batista Nogueira, Mircia Ribeiro Fortes e Adoréa Rebello da Cunha Albuquerque; e "Dimensões Espaciais do Político, do Urbano e do Agrário na Amazônia", organizado pelos professores Ricardo José Batista Nogueira, Marcos Castro de Lima e Manuel de Jesus Masulo da Cruz.

No primeiro capítulo, intitulado "Recuperação de áreas degradadas," Adoréa Rebello da Cunha Albuquerque discute a importância da recuperação de áreas degradadas resultantes de atividades humanas, como mineração e desmatamento voltado para agricultura e pastagem na Amazônia Legal. Ao definir a área de estudo de sua pesquisa (Base de Operações Geólogo Pedro de Moura, bacia do rio Urucu), a autora destaca a necessidade de elaborar planos de recuperação de áreas degradadas, conforme estipulado em leis, como o artigo 225 da Constituição Federal, que aborda questões ambientais. A autora descreve os elementos que constituem um Plano de Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD), que, juntamente com o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (REIA), garantem o controle do governo sobre empreendimentos relacionados à mineração, como a exploração de gás natural na bacia do rio Urucu, onde a autora detalha as medidas para a implementação do PRAD em uma área erosiva conhecida como voçoroca nas proximidades da área de estudo.

No segundo capítulo, intitulado "O conceito de região nos livros didáticos de Geografia do ensino médio da rede estadual de ensino na cidade de Manaus," Jevaldo da Silva

e Amélia Regina Batista Nogueira buscam compreender como o conceito de região é apresentado no ensino básico e fazem um levantamento sobre o uso de livros didáticos como método de ensino, especialmente na disciplina de geografia. Ao analisar a coleção "Geografia: Sociedade e Cotidiano," identificam elementos de continuidade relacionados à geografia tradicional, apesar das mudanças na academia e no ensino de geografia. Um ponto relevante de análise é o conteúdo sobre a região amazônica, que, neste caso, difere da visão predominante que enfoca aspectos físicos e naturais. Na coleção, há uma valorização dos aspectos humanos dessa região, como cultura e economia. Por meio de entrevistas com 100 alunos escolhidos aleatoriamente e igualmente distribuídos entre quatro escolas do centro de Manaus (que atendem alunos de todas as partes da cidade), os autores identificaram que a percepção dos estudantes sobre a Amazônia tende a se concentrar nos aspectos físicos e naturais, sendo constantemente reforçada pela visão predominante nos livros didáticos.

No terceiro capítulo, intitulado "Análise temporo-espacial do uso da terra e cobertura vegetal na bacia hidrográfica do rio Sanabani no município de Silves-AM," Leandro Felix de Castro e João Cândido André da Silva Neto analisam a evolução do uso e da cobertura do solo na bacia hidrográfica do rio Sanabani, localizada no município de Silves, ao longo de um período de 10 anos, entre 1989 e 2009. A importância deste estudo é evidenciada na introdução, que aborda os impactos ambientais na região amazônica resultantes do uso inadequado do solo para atividades como industrialização, monoculturas mecanizadas e pastagens, sem considerar os danos ambientais. Para a pesquisa, os autores primeiro caracterizaram a área de estudo, levando em consideração fatores físicos, como geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, hidrografia e regime pluviométrico. Em seguida, utilizando bases cartográficas, imagens de satélite e sistemas de informações geográficas, elaboraram mapas de uso e cobertura do solo, dividindo-os em cinco classes: vegetação primária, vegetação secundária, solo exposto, pastagens e corpos d'água. Em resumo, os resultados revelaram uma redução gradual da vegetação primária, embora 87% dela ainda esteja preservada.

No quarto capítulo, intitulado "Cidades anfíbias na Amazônia brasileira: Tempo cíclico/ecológico e acíclico-cronológico em Anamá e Careiro da Várzea," Marcos Castro de Lima reexamina o processo de urbanização da Amazônia de uma perspectiva que difere dos estudos convencionais. Ele aborda os efeitos do regime hidrológico da região no processo de urbanização, que cria uma dinâmica temporal cíclica-ecológica durante as enchentes dos rios, influenciando o modo de vida urbano nas várzeas. A pesquisa se concentra nas cidades de

Careiro da Várzea e Anamá, descritas pelo autor como cidades anfíbias devido à resiliência e adaptação da população ao regime hidrológico, incorporando-o culturalmente. Essa adaptação se manifesta não apenas em aspectos como as palafitas, mas também no lazer, como os banhos de rio durante as cheias. O autor explora os desafios impostos pela várzea ao modo de vida urbano, relacionando-os ao contexto histórico em que essas cidades surgiram, durante o período da exploração da borracha no século XIX.

No quinto capítulo, intitulado "Por rios, matas e varadouros: uma reflexão sobre a criação de reservas extrativistas na Amazônia brasileira," Nelcionei José de Souza Araújo aborda a criação de reservas extrativistas, considerando sua formação e origem histórica, que remonta a 1976, quando iniciaram os empates, ações que impediram o desmatamento de florestas e impulsionaram o movimento seringueiro, culminando na criação do conceito de reserva extrativista, visto hoje como uma solução para problemas ambientais. Ao longo do texto, o autor discute a evolução do conceito de reservas extrativistas sob diversas perspectivas, incluindo as instituições públicas e o aspecto jurídico, destacando sua importância para a preservação do meio ambiente na Amazônia. Ele conclui que as reservas extrativistas desempenham um papel estratégico no planejamento territorial e enfatiza que seu sucesso depende de uma abordagem abrangente e colaborativa do território.

No sexto capítulo, intitulado "A moradia produzindo a cidade: o setor habitacional de segmento econômico em Manaus-AM", Fernando Monteiro Melo e Paola Verri de Santana oferecem uma análise abrangente da dinâmica da produção habitacional em Manaus ao longo de várias décadas. O estudo se divide em três partes principais. A primeira parte apresenta as perspectivas teóricas que sustentam a produção do espaço urbano, com um foco especial no papel do setor imobiliário como ator protagonista nesse processo. Em seguida, a segunda parte examina as políticas públicas que direcionaram a produção habitacional em Manaus, com ênfase nas intervenções estatais, como os programas COHAB e PROMORAR, que resultaram na construção de conjuntos habitacionais e na expansão urbana da cidade, particularmente na década de 1980. Por fim, a terceira parte analisa o processo de reestruturação imobiliária ocorrido a partir dos anos 2000, com o surgimento do segmento econômico do mercado imobiliário, que passou a atuar em áreas já consolidadas da cidade, levando à valorização de espaços antes considerados periféricos. Essa mudança transformou o cenário urbano de Manaus, refletindo a evolução das dinâmicas do mercado imobiliário e as políticas habitacionais ao longo do tempo. O estudo destaca como a produção habitacional está intrinsecamente ligada à produção do espaço urbano e como esses processos têm

contribuído para moldar a cidade de Manaus ao longo de décadas, influenciando as dinâmicas socioespaciais, a expansão urbana e a reconfiguração de áreas consolidadas.

No sétimo capítulo, intitulado "Empresas, cidades e estado: a produção do espaço urbano amazonense", Paola Verri de Santana analisa a intrínseca relação entre a economia do petróleo e a produção do espaço urbano amazonense. Nesse contexto, o autor aborda a dualidade desse processo, que envolve tanto a industrialização quanto o crescimento urbano, com ênfase nas influências exercidas por empresas, cidades e o Estado. Utilizando uma abordagem inspirada na teoria de Henri Lefebvre para analisar como esses elementos (empresas, cidades e Estado) interagem e moldam o espaço urbano amazônico. Também destaca o impacto da internacionalização de empresas como a Vale e a Petrobras na produção do espaço urbano, através da comercialização de recursos cruciais, como ferro e petróleo. Além disso, o capítulo enfatiza a relevância do ICMS e dos royalties do petróleo como fontes de receita para municípios e estados na Amazônia e aborda a complexidade da urbanização na região, defendendo uma abordagem interdisciplinar para enfrentar os desafios de equilibrar desenvolvimento e justiça social. Em resumo, oferece uma análise crítica e abrangente da dinâmica entre empresas, cidades e Estado na produção do espaço urbano amazonense.

No oitavo capítulo, intitulado "Imaginação e matéria: a geograficidade no trabalho mineiro-metalúrgico," Alice Lucas de Souza Gomes e Ricardo José Batista Nogueira investigam as práticas de exploração mineral e metalúrgica, explorando a interseção entre a imaginação humana, a materialidade e a fenomenologia. Baseado na filosofia de Gaston Bachelard, o autor enfatiza que a relação entre sociedade e natureza é complexa, indo além do utilitarismo para abraçar aspirações e sonhos. A materialidade, segundo o autor, desempenha um papel significativo na existência humana, e quando o homem domina a matéria, ele se torna um "mágico verídico do mundo." Além disso, o ensaio destaca a importância de considerar sistemas de pensamento pré-científicos ao examinar o trabalho humano com a matéria. O autor argumenta que, embora a ciência tenha substituído o tempo na transformação da natureza, o desejo humano de dominar o mundo material persiste, mesmo que o homem moderno às vezes deixe de sentir a motivação para realizar essa tarefa. Em suma, o capítulo explora a complexa relação entre a imaginação, a materialidade e o trabalho mineiro-metalúrgico ao longo da história, destacando a persistência do desejo humano de transformar e compreender o mundo material.

No nono capítulo, intitulado "Perfil longitudinal do Rio Negro a partir da altimetria radar", Rogério Ribeiro Marinho destaca a relevância da análise do perfil longitudinal de rios,



com foco no Rio Negro na bacia Amazônica, utilizando dados de radar altimétrico via sensoriamento remoto. O estudo concentra-se no Rio Negro como exemplo e utiliza dados da missão Jason-2 e Jason-3 para analisar o perfil longitudinal ao longo de um trecho de 1300 km, revelando um desnível médio de cerca de 58 metros entre a tríplice fronteira (Brasil, Colômbia e Venezuela) e Manaus. Essa análise identificou maior variabilidade sazonal no nível na região do baixo curso, perto da confluência entre os rios Negro e Solimões. Em resumo, o capítulo destaca a importância da altimetria radar para a medição do nível dos rios por meio de satélites na bacia Amazônica. Isso não apenas melhora a compreensão dos processos hidrogeomorfológicos na região, mas também contribui para a gestão dos recursos hídricos e ajuda na tomada de decisões em situações de eventos extremos de cheias e secas, que estão se tornando mais frequentes e intensos na área.

No décimo capítulo, intitulado "Sobre soberania e cidades: uma reflexão a partir das cidades amazônicas", Tatiana Schor aborda a complexidade da urbanização na Amazônia Ocidental brasileira e sua divergência das abordagens tradicionais de rede urbana. O autor destaca a necessidade de adotar uma perspectiva de "urbanodiversidade" para compreender a multiplicidade de processos urbanos em uma região vasta e diversificada como a Amazônia. A análise multiescalar e o uso de variáveis não convencionais, como o manejo sustentável do pirarucu, revelam uma dinâmica de rede urbana não linear, na qual Manaus não é mais o único centro dominante. A introdução da tipologia de "cidades de responsabilidade territorial" enfatiza seu papel estratégico na rede urbana, não apenas economicamente, mas também politicamente e culturalmente. Essas cidades representam locais de visibilidade para conflitos e questões simbólicas na região. A pesquisa desafia conceitos como "Direito à Cidade" e soberania, demonstrando como a distância e as características geográficas únicas da Amazônia moldam a dinâmica urbana e exigem uma abordagem inovadora para sua compreensão. Em resumo, o capítulo oferece uma visão renovada e rica sobre a urbanização na Amazônia, contribuindo para o avanço do conhecimento na geografia urbana.

Em suma, "A Geografia Amazônica em Múltiplas Escalas – Volume 1" é uma coletânea que se revela como um valioso recurso para quem deseja adentrar no vasto e complexo universo geográfico da Amazônia. Ela não apenas ilumina as diversas facetas do espaço amazônico, mas também oferece um mergulho profundo nas reflexões e pesquisas de acadêmicos dedicados a desvendar as intrincadas relações entre a natureza e a sociedade nessa região única. Ao abordar temas que vão desde questões educacionais até as dinâmicas naturais da Amazônia, esta coletânea se destaca por sua abordagem abrangente e interdisciplinar. Ela

oferece ao leitor uma visão holística da região, destacando a complexidade do espaço geográfico amazônico e sua relevância para a ciência geográfica como um todo.

Assim, o volume em questão não é apenas uma obra acadêmica, mas também um convite para uma jornada intelectual que nos leva a explorar, compreender e apreciar as muitas camadas que compõem o mosaico da Amazônia – no dizer de Oliveira (2000, p. 22), a oportunidade de vislumbrar “o reflexo do que está ao seu redor”. É um testemunho do compromisso contínuo com a pesquisa e o ensino na região amazônica e uma valiosa contribuição para aqueles que desejam aprofundar seu conhecimento sobre essa parte fundamental do nosso planeta.

## REFERÊNCIAS

LIMA, M. C.; ARAÚJO, N. J. S.; CRUZ, M. J. M. **A Geografia amazônica em múltiplas escalas - Volume 1**. Embu das Artes, SP: Alexa Cultural; Manaus, AM: Edua, 2021.

OLIVEIRA, J. A. **Cidades na selva**. Manaus: Valer, 2000.

---

**Artigo recebido em: 30 de junho de 2023.**

**Artigo aceito em: 25 de setembro de 2023.**

**Artigo publicado em: 25 de setembro de 2023.**